

Vivências multidimensionais, aproximações entre os conceitos de ciberespaço, habitar e espaço.

Multidimensional experiences, approaches between the concepts of cyber space, housing and space.

Wanderson Alexandre da Silva Quinto

Resumo

Realizamos uma articulação entre os conceitos de Cibercultura; habitar e espaço elaborado por Heidegger. Examinamos conceitos sobre filosofia da tecnologia, pois refletimos sobre o uso crescente da internet e das TIC's, que se configuram como modos subjetivos de existir e relacionar. A cibercultura abrange as normas de relacionar; enquanto o habitar e o espaço estão relacionados a vivência do mundo (política e sociológica). Logo, habitar é morar em um local com vivências multidimensionais, de envoltura com a comunidade, cultura e da presença no espaço e tempo. Também, o mundo é sempre compartilhado favorecendo a relação entre subjetividade e a alteridade. Embasados fenomenologicamente hermenêuticamente consideramos que, no ciberespaço as relações se constituem como um convite à redescoberta dos sentidos do mundo, da existência humana e da potência igualitária, entre o atual e o virtual.

Palavras-chave: Filosofia da Tecnologia, Habitar, Cibercultura..

Abstract

We articulate the concepts of Cyberculture; inhabit and space designed by Heidegger. We examine concepts about technology philosophy, as we reflect on the growing use of the internet and ICTs, which are configured as subjective ways of existing and relating. Cyberculture covers the norms of relating; while living and space are related to the experience of the world (political and sociological). Therefore, to live is to live in a place with multidimensional experiences, involved with the community, culture and presence in space and time. Also, the world is always shared, favoring the relationship between subjectivity and otherness. Hermeneutically phenomenologically based, we consider that, in cyberspace, relationships constitute an invitation to

rediscover the senses of the world, human existence and egalitarian power, between the current and the virtual.

Keywords: *Philosophy of Technology, Dwell, Cyberculture.*

1. Introdução

Várias são as formas de se experienciar algo e uma delas acontece no plano geográfico e é neste cenário que acontece a experiência do ser em relação aos nossos ambientes enquanto vividos, o que traz a geograficidade para o centro dessas experiências humanas sobre a terra. Pensando neste contexto inevitável de nossa geograficidade, problematizamos a realidade técnica e tecnológica contemporânea, principalmente no que diz respeito à experiência do ser na atualidade. Para tal, realizamos uma articulação por meio da fenomenologia hermenêutica entre os conceitos de cibercultura e os de habitar e de espaço de Heidegger, com vistas a compreender o relacionamento cotidiano da sociedade com a tecnologia da informação e comunicação que vem se configurando com uma nova forma de existir e se relacionar.

Nestes tempos contemporâneos que vivemos, a tecnologia ganhou um lugar de destaque na sociedade e na vida de cada pessoa. Este fato já vinha sendo experimentado desde que o ser humano começou a caçar para alimentar-se, até a descoberta do fogo, a evolução tecnológica têm sido uma constante em nossa existência ao passo que a cada dia surgem novas necessidades e por consequência, novas formas de suprimos estas necessidades através das invenções e novas descobertas.

Descobertas estas que impactaram o mundo todo como, por exemplo, a primeira, segunda e terceira revolução industrial, cada uma com suas peculiaridades para os setores econômicos, produtivos, sociais e psicológicos, um fato marcante indubitavelmente é o que Castells (2003) chamou de “Descontinuidade Radical”, onde afirma que houve ruptura do modo de fazer as coisas.

Durante dois séculos o ser humano e a sociedade foram re-transformados (uma vez que já haviam sido transformados durante as revoluções industriais) em seu modo de viver, trabalhar, divertir e se relacionar de acordo com vários autores como Castells (2003), Harvey (1992) e Lévy (2004). Neste ponto cabe a observação de Barata (2005) de que especialmente entre a

segunda e terceira revolução industrial a população passa tomar consciência da influência dos determinantes sociais na saúde e que os comportamentos humanos podem se apresentar como ameaça à saúde de todos dentro da sociedade e consequentemente do Estado.

Tendo como base o aprendizado acerca das mudanças sociais ocorridas nas três primeiras revoluções, suas novas formas de se organizar e seus impactos na saúde, sobretudo nos processos de subjetivação. Podemos entender a preocupação de Schwab (2018); estamos a bordo de uma revolução tecnológica que transformará fundamentalmente a maneira como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Em uma escala, de alcance e complexidade, a transformação será diferente de qualquer coisa que o ser humano tenha experimentado antes.

Ampliando o diálogo, Machado (2016) coloca que quase tudo ainda é novidade, de modo lato sensu, essa nova revolução modificará, além do que realizamos, o que pensamos, sonhamos e quem somos, além dos conceitos de privacidade e propriedade, referências e níveis de consumo, escolha entre tempo e lazer pelo indivíduo, chegando às mudanças nos relacionamentos interpessoais.

Esta nova configuração do momento contemporâneo confere ao indivíduo o poder de se organizar em grupos mais ou menos hierarquizados, estabelecendo um conjunto de conexões dos mais variados tamanhos e seus graus de complexidade. Para este novo momento Castell (2003) batizou de sociedade em rede que assume uma dimensão que ultrapassa o espaço convencional/físico, levando assim à necessidade de se introduzir um novo conceito de espaço: o espaço virtual.

Levy (2004), entende espaço virtual como ciberespaço e compreende como virtual toda entidade desterritorializada capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular.

Nos dias atuais, existem muitas vertentes no campo do virtual que propagam a arte, ideologias, músicas, ideias políticas, culturais, entre outros movimentos que irão dar origem a cibercultura, como afirma Lévy (2004), quando refere-se ao “universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural”.

Na atualidade o termo “ciber” está cada vez mais presente denominando, distinguindo e classificando as particularidades de cada modo de existir, ora vejamos: ciber-café, ciber-sexo,

ciberespaço, cibercultura, ciber-cidades, etc. São as diferenças e particularidades e semelhanças de cada expressão que podemos denominar de cibercultura. Neste contexto a cibercultura constitui-se como uma ciber-socialidade, ou seja, como uma estética social alimentada pelas tecnologias do ciberespaço.

2. Cibercultura como nova forma sociocultural.

As constantes evoluções da tecnologia mais especificamente do advento da microeletrônica e depois dois circuitos integrados, foram determinantes para a criação de uma infraestrutura comunicacional de troca e compartilhamento por meio de dispositivos de redes que com o passar do tempo foi sendo apropriado pela sociedade. Desta forma fincamos nosso pensamento sobre ciberespaço alicerçado num tripé composto por interação dialógica: que orienta o desenvolvimento de relações entre os setores sociais marcadas pelo diálogo troca de saberes, cultura e tecnologia; cultura tecnológica: relação sociocultural alicerçada no envolvimento simbólico entre a cultura e as novas tecnologias; o espaço não é mais só físico: forja-se uma distorção da percepção de espaço e tempo criando e redirecionando as percepções para o virtual.

Tal pensamento encontra reforço em Lévy (2004) o ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Em 1984, William Gibson cunhou o termo ciberespaço em seu livro de ficção científica, *Neuromancer*. Este livro trata de uma realidade que se constitui através da produção de um conjunto de tecnologias, enraizadas na sociedade, e que acaba por modificar estruturas e princípios desta e dos indivíduos que nela estão inseridos. Porém Gibson não foi o primeiro a pensar desta forma, antes dele podemos citar Marshall McLuhan que previu um novo conceito de sociedade: completamente interconectada e tomada pelas mídias eletrônicas, essas novas mídias ao aproximar as pessoas de toda parte permitiriam a elas conhecer-se e comunicar-se, como em uma aldeia.

Neste itinerário sobre as origens do ciberespaço, podemos incluir Gómez (2007) que após investigar a origem da palavra ciberespaço chega à conclusão que o termo ciberespaço é inapropriado, pois não consegue representar os fenômenos ligados a expansão da internet, pois

a complexidade das interações atuais que se valem de realidade virtual, internet, inteligência artificial, não nos deixam explicar como estas são absorvidas pelas redes sócio técnicas. A nosso ver é fácil explicar cada uma das tecnologias presentes de forma isolada, porém quando estão coexistindo e cooperando para proporcionar novas nuances de interação e interatividade cria e recria novos fenômenos aos quais ainda precisamos investir estudos profundos.

Talvez Gómez (2007) tenha chegado a estas conclusões por identificar no ciberespaço outro fenômeno complexo que se origina dele que é Cibercultura que pode ser vista como uma forma sociocultural que se entrelaça com a tecnologia, sociedade e cultura, formando novas maneiras de existir. Neste ponto cabe uma observação muito importante sobre o amplo fenômeno da cibercultura que se estabelece entre a relação da técnica com a sociedade, pois segundo Lemos (2013), a cibercultura deve ser compreendida como “uma nova relação entre a técnica e a vida social”, desta maneira compreendê-la unicamente pelo viés técnico seria adotar uma perspectiva reducionista.

Neste ponto enfatizamos Lévy (2004), que se refere ao “universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural”. Isto fica claro nos dias atuais, onde existem várias vertentes que propagam a arte, ideologias, músicas, ideias políticas, culturais, entre outros movimentos que se originam na cibercultura. É nesta direção que podemos entender que a estrutura técnica do ciberespaço, favoreceu o surgimento de atitudes contemporâneas como o nomadismo, o voyerismo, e que, por meio do anonimato, da distância espacial e da possibilidade do mascaramento, estimula a uma multiplicidade de identidades culturais.

Sendo assim, em nosso entendimento a cibercultura encontrou no ciberespaço um meio fecundo para as esferas políticas, econômicas, culturais e humanas, se estabelecerem e assim criarem relações. O que segue o pensamento de Levy (2004) como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. E nesta direção de pensamento que se notabiliza a possíveis implicações culturais, provenientes do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação.

3. Habitar e espaço como experiência fundamental da existência humana.

Iniciamos esta seção lembrando a forma como nos foi apresentado o conceito de espaço durante nossa vida de estudante primário mais precisamente nas aulas de geografia e perceberemos que

nos foi dado uma noção delimitadora que envolve uma região de referência que não considerava nem mesmo o tempo, como constituinte do espaço.

Uma possível razão para a não presença do tempo no conceito sobre espaço pode ser pelo fato de não terem considerado as pessoas como seres históricos. É neste ponto que este trabalho entende que as contribuições de Heidegger sobre espaço na obra *Ser e Tempo* são fundamentais para ampliarmos e até corrigirmos o conceito incompleto ou distante do debate filosófico que nos foi apresentado durante nossa fase primária de estudo, para termos uma visão mais abrangente que nos permita compreender o lugar do ser neste novo espaço (o ciberespaço) e como a tecnologia engendra novos modos de existir.

Este trabalho toma como princípio o embasamento fenomenológico hermenêutico, pois dá ênfase à vida cotidiana, pelo retorno àquilo que ficou esquecido, encoberto, pela familiaridade (pelos usos, hábitos e linguagem do uso comum). Dito isto assumimos que a cibercultura faz parte da vida cotidiana contemporânea e vem se configurando como um convite à redescoberta dos sentidos do mundo e do próprio existir humano.

A experiência dos humanos sobre a terra é em parte geográfica. Isto funda a existência do ser no mundo, sobre a terra, e culmina no que Dardel (2011) chamou de geograficidade. Mais ainda, ele fala que geograficidade é do ser, uma “vontade intrépida de correr o mundo”, o “modo de sua existência e de seu destino”. Na geograficidade se encerra qualquer experiência que possamos ter em relação aos nossos ambientes enquanto vividos, o que traz a geograficidade para o centro dessas experiências humanas sobre a terra, mesmo que sejam pautadas em “admirar o pôr-do-sol ou cenário agradável, em conduzir um carro através das ruas da cidade, ou escolher uma área na qual comprar uma casa” (RELPH, 1979, p.18).

A experiência é a ordinária, cotidiana, experiência do ser comum em seu mundo, em sua vida no tempo e no espaço. Sendo assim podemos depreender que espaço é produto das relações entre seres e dos seres com a natureza, e ao mesmo tempo é fator que interfere nas mesmas relações que o constituíram. O espaço é, então, a materialização das relações existentes entre os seres na sociedade.

Este experienciar e existir citados nos parágrafos anteriores nos convidam a dialogar com o Heidegger que, trouxe no devir de seu pensar o sentido da existência fundado no habitar. Este é a própria expressão da espacialidade do ser, enquanto forma de ser-e-estar-no-mundo, logo, existir está no domínio do ser, sendo a existência uma questão ôntica do Dasein (Ser-Ai) e o

questionamento ontológico de sua estrutura é o que permite compreender seu modo de constituição.

Segundo Casanova (2010), Dasein é, portanto, um ser-no-mundo, um ente que se comporta em relação aos outros entes e em relação ao mundo. Podemos entender que Dasein está no mundo não somente na concepção de que ocupa espaço, mais se realizando como poder-ser partindo das possibilidades fáticas que o mundo lhe abre interpretando e se relacionando com o contexto apresentado pelo mundo circundante que envolve um relacionar-se as novas tecnologias surgidas, reforçando este tipo de relação interativa, porém não-dependente, entre técnica e cultura.

Autores como Buttimer (1974), pregam que a humanização da terra pode ser vista como um processo pelo qual a humanidade tem buscado vários estilos de habitar no espaço e no tempo, sendo, portanto, fundamental para entender a relação humano-lugar. Tal pensamento é inspirado na obra *Ser e Tempo* de Heidegger e destaca que habitar se refere ao mundo vivido (Lebenswelt) permitindo uma análise ontológica essencial da sociedade a partir das diferentes formas de habitar.

Nossa cotidianidade nos brinda e surpreende com avanços e descobertas que nos cega ao ponto de questionarmos, o problema fundamental da nossa existência – que é precisamente perguntarmos pelo nosso ser. Como já dito, existência para Heidegger (2005), se dá pela estrutura ser-no-mundo, desta forma assumimos uma percepção de habitar em direção ao sentido holístico de existência que se apoia na conferência proferida no ano de 1951 intitulada *Construir, Habitar, Pensar*, proferida por Heidegger que parte da linguagem para elaborar a questão sobre o sentido do ser.

Ser e Tempo têm um perfil da espacialidade e da temporalidade humana junto ao mundo e das várias estruturas e dimensões das relações humano-mundo. Sendo assim, perguntar pelo nosso ser é já previamente perguntarmos pelo nosso ser-no-mundo; ou ainda: perguntar pelo modo como habitamos esse mundo.

Enquanto extensos e espacialmente colocados no lugar, o ser e o mundo estão concomitantemente entrelaçados pela relação existência-experiência. Segundo Heidegger (2005) só podemos habitar os lugares onde a vida acontece; ou ainda: o habitar não se refere simplesmente ao fato de se possuir uma residência, mas traduz-se no modo como o ser, ao se relacionar com as suas possibilidades de ser-no-mundo (através da tecnologia que o possibilita

construir uma ponte, um hangar, uma usina elétrica, um software, uma rede de computadores) constrói o mundo que o circunda.

Então para Heidegger (2005) a compreensão do habitar se traduz no modo poético como o ser se encontra sobre a terra (espaço natural), que no caso atual se traduz em espaço virtual. Isto posto partimos num entendimento de que a Cibercultura pode ser vista como um habitar segundo Heidegger (2005), pois este habitar significa deixar que a vida tome seu curso, de modo a guiar cada gesto do ser em seu cotidiano – gestos que nascem da simplicidade das relações que esse estabelece com as coisas dentro do mundo e a tecnologia que dá suporte ao ciberespaço, lugar onde se estabelece a cibercultura não está fora desta conjuntura.

O que a grosso modo Heidegger propõe é uma relação imediata, direta, que caracteriza a experiência pela existência de ambos, do ser e da terra. Surge aqui uma questão: já que a cibercultura faz parte deste mundo da vida experienciável, como falado no parágrafo anterior, como devemos interpretar experiências que acontecem via dispositivos tecnológicos? Mais à frente retomaremos esta questão.

O Dasein não é descolado de uma narrativa espacial entre lugares, territórios e do próprio mundo circundante. Esta é a própria essência do habitar que, por sua vez, é a determinação do ser-humano. A referência do indivíduo aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar. “A relação entre indivíduo e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial.” (HEIDEGGER, 2005).

Desse modo, este novo ambiente (ciberespaço) é constituído por uma comunicação que se vale da linguagem e do diálogo, porém entre humano-máquina, máquina-máquina. É necessário perceber que uma mudança na noção de espaço/lugar, pois o símbolo era o agente de apropriação do meio natural e agora temos os símbolos como a base que dará sustentação para a edificação do “espaço” e onde vai acontecer a cibercultura.

Heidegger nos ajuda a abrir caminhos no pensar a situação do ser na sociedade contemporânea, em sua geograficidade. Esta se manifesta a partir da ligação íntima habitar-lugar, enquanto fenômeno geográfico vivido e iluminado pela experiência de uma pessoa, que dota o espaço de sentido.

4. A tecnologia como agenciadora da experiência

As discussões que serão levantadas nesta seção buscam identificar indícios de como a tecnologia se apresenta, como um processo social não neutro, mas atrelado a interesses de um dado contexto. Sendo assim nestes tempos contemporâneos que vivemos a tecnologia ganhou um lugar de destaque na vida de cada pessoa. Porém tal fato não é exclusivo destes tempos atuais, basta lembrarmos que o humano já vinha experimentando e se relacionando com a tecnologia desde quando começou a caçar para alimentar-se, até a descoberta do fogo, logo podemos dizer que boa parte de nossa evolução caminha de mãos dadas com a evolução da tecnologia.

Isto posto, podemos fazer a seguinte pergunta: Os humanos podem viver sem tecnologias? Por mais que nos esforcemos em tentar dizer que sim, teremos que aceitar a realidade que tal fato não é possível. De fato, não existem povos conhecidos que tenham atravessado os tempos que não tenham tido contato ou criado algum artefato tecnológico. Sendo assim urge investigarmos o grau de percepção que temos ao entramos em contato com estas tecnologias contemporâneas, a fim de entender esta vivência e suas transformações no cotidiano.

Antes de adentrarmos no entendimento da tecnologia é preciso ressaltar que vários autores se debruçaram sobre a difícil missão de definir tecnologia e talvez por isso tenhamos tantas visões com perspectivas diferentes sobre o tema que é vasto e complexo. Vale lembrar que nosso propósito não é de aprofundamento sobre o assunto e sim identificar evidências de como a reflexão crítica sobre a filosofia da tecnologia pode ser apresentada para que se possa tecer uma aproximação com a nova forma de ser da sociedade contemporânea após o surgimento da cibercultura.

Esta seção se debruça sobre as considerações de vários pensadores (Pierre Lévy, Bernard Miège, André Lemos, Martin Heidegger, José Ortega y Gasset; Jacques Ellul; Mário Bunge; Albert Borgmann; Andrew Feenberg), a respeito da tecnologia, pois é notável que para estes pensadores, a tecnologia é a chave para entender nosso tempo atual. A ideia é proporcionar um refletir tecnológico que traga visões com abordagens que contemplem os aspectos positivos e negativos a respeito do aparato tecnológico pensado e produzido. Deste ponto em diante tentaremos realizar um entendimento sobre a técnica e a tecnologia, pautados nos conceitos levantados pelos pensadores citados.

Tal entendimento se faz necessário, pois Ellul (1964) e Ortega y Gasset (1977) possuem uma visão pessimista sobre a técnica, apontando a alienação humana como consequência do

desenvolvimento tecnológico, pois pregam que a técnica moderna tem na sua essência a obediência a suas próprias leis, às suas próprias necessidades internas, transformando a realidade humana em suas próprias determinações, sendo assim, entendem que o fenômeno técnico modificou a vida do ser humano e transformou sua capacidade de reflexão em reflexo.

Já Bunge (2016) e Lévy (2004) possuem um olhar otimista sobre a tecnologia, porém Bunge (2016) apresenta completa falta de percepção da capacidade que tem a tecnologia de desestruturar as culturas em que se introduz, embora perceba que a tecnologia não é neutra e sim ambivalente, enquanto que Lévy (2004) tem noção dos efeitos desestruturalizante sobre as relações sociais, já que em muitos momentos de suas obras cita a relação da tecnologia com a política, a economia e cultura, porém há uma preocupação mais relevante com a técnica nas atividades humanas do que com os princípios éticos que perpassam os processos de sociabilidades construídos.

Para Borgmann (2006) a tecnologia deve ser olhada por um viés fenomenológico e, portanto, devemos compreender os elementos que dela se manifestam. Desta maneira, na perspectiva de Borgmann (2006), somos cúmplices da tecnologia e por isso, responsáveis pelo seu aparente domínio sobre nós, pois defende que a tecnologia faz parte da vida cotidiana, representando um modo de vida próprio da modernidade e por isso enfatiza que o ser humano é responsável pela manutenção do modo de vida tecnológico, que tanto fascina e fornece status.

Na visão de Feenberg (2003) é enfatizado a não neutralidade da tecnologia, pois se vincula ao capitalismo e a uma cultura que enxerga o mundo em termos de controle, eficiência, logo para ele a tecnologia é um fenômeno tipicamente moderno. E por isso se constitui na “estrutura material” da modernidade, para chegar a esta conclusão, classificou a tecnologia de quatro maneiras, a saber: a (Determinismo: Tecnologia controla os humanos, moldando a sociedade pelas exigências de eficiência e progresso), (Instrumentalismo: A tecnologia é uma ferramenta ou instrumento por meio do qual satisfazemos nossas necessidades), (Substantivismo: Entende a autonomia da tecnologia como malévola e ameaçadora), (Teoria Crítica: Não vê problema na tecnologia e sim na ineficiência humana em criar instituições adequadas para o controle dessa tecnologia). Por fim podemos dizer que para este pensador as decisões políticas presentes na vida do ser é quem determina o rumo da tecnologia.

Para Lemos (2013), vivemos um momento único, pois a técnica se edifica como força simbólica e mítica, se enraizando como um valor simbólico que tem na máquina o seu maior expoente.

Sendo assim Lemos (2013) assume que a técnica é o fazer transformador humano que prepara a natureza à formação da espécie e da cultura humana, que carrega intrinsecamente um processo de naturalização dos objetos técnicos e esta nova dimensão (simbólica e mítica) é que geram o encanto que a máquina e a tecnologia imprimem na sociedade contemporânea.

Miége (2009) vê a técnica como fonte única de mudanças, mutações e evoluções de dominação que permeiam a tríade técnica-comunicação-informação. Para Miége (2009) a técnica assume formas múltiplas e por vezes imprevistas, e olhá-la somente por um viés otimista não colabora para uma representação clara da contribuição da técnica no desenvolvimento do fazer, o resultado é uma confusão como se atribuísse à técnica mais do que ela pode provocar, logo a técnica não se apresenta mais como um fator que está a favor do humano e do progresso e deve ser tratada como mediação entre os novos símbolos de poder.

A técnica para Heidegger (2007) é um modo de saber, uma forma de pensamento que não dominamos completamente, pois não depende de nós, mas sim de nossa interpelação por algo do qual não podemos ser donos, porém está em estreita relação com o ser e pode ser vista no modo de ser da modernidade, logo ela é mais que produção e gestão de recursos, pois deve ser pensada pelo prisma da metafísica. Deste modo compreende a técnica não como um instrumento ou atividade humana, mas um modo de desvelar os entes como reserva disponível, tudo se reduz a esse manancial (tudo é recurso manipulável, controlável e calculável), seja natureza, mundo, ou o próprio ser humano e por isso e acaba por determinar, dessa forma, a humanidade.

Cabe notar, que em linha gerais cada um dos filósofos citados, há seu tempo tentam descrever sobre a técnica e como ela transformou (ou pelo menos foi o meio pelo qual) de maneira drástica a vida humana na sociedade. Se lançarmos um olhar mais cuidadoso sobre os pensadores em questão, perceberemos abordagens analíticas, onde pregam que examinar a tecnologia consiste em analisá-la conceitualmente; abordagens fenomenológicas, onde procura-se descrever e interpretar o significado da tecnologia na existência humana; abordagens sócio-política que consideram que a tecnologia possui estreito compromisso com a lógica do capitalismo.

É partindo desta concepção que entendemos a relação humano, técnica e tecnologia, como repleta de sentidos que se fizeram presentes durante todo o caminhar da humanidade e nos oferecem indicadores para interpretarmos os tempos atuais cheios de inovações. Pois, é preciso

que haja uma reflexão sobre o papel que a tecnologia exerce na sociedade, com uma ponderação sobre suas influências e as condições nas quais ela é produzida.

Isto posto seguimos então no entendimento de que as pessoas são capazes de romper com as limitações impostas pelas leis da natureza e ir além daquilo que lhes foi determinado em essência. Por essa possibilidade de ir além, o indivíduo quebra, rompe com o contexto espaço-tempo que se apresentam como limitadoras da sua possibilidade de ser e passa a desenvolver dispositivos agenciadores (instrumentos-utensílios), como meios de transportes e de comunicação capazes de contrair o tempo e o espaço, tecnologias eficazes na substituição da natureza corpórea, valores e crenças para convenções sociais.

Ora vejamos que não nos foi permitido, voar, respirar embaixo da água, nem tão pouco construir edificações abaixo da terra e da água, porém pela visceral relação com a técnica e a tecnologia o humano desenvolveu o que chamamos de dispositivos agenciadores para poder experimentar e desvelar seu modo de ser frente a estas novas possibilidades. Podemos aqui fazer uma relação com os pensamentos dos autores apresentados, no sentido de percebermos que a postura da humanidade em relação ao meio foi determinante para se construir uma relação degradante com a natureza.

Deste relacionamento usurpador que o indivíduo passa a ter com a natureza, o coloca em direção ao esquecimento do ser e passamos para um estado de “coisificação” do ser e da experiência do mundo. Neste ponto é importante lembrarmos que a Cibercultura é em linhas gerais a apropriação da tecnologia pela sociedade, produzindo novas experiências e modos de ser, que passam a ser mediados por dispositivos tecnologicamente densos.

Sobre esta densidade tecnológica dos dispositivos, podemos citar o celular que atualmente se apresenta como uma versão mais atraente do que o computador em sua formatação originária, isto é, o computador estático, que repousa imóvel sobre uma mesa. Mesmo que possamos dizer que existem versões de computadores móveis como o notebook, precisamos atentar para o fato de os celulares são de fácil transporte e estão sempre ao alcance do corpo, se mostrando ou querendo se mostrar, como uma extensão deste.

Ora, é justamente a complexidade deste dispositivo que confere a ele um elevado status de facilitador por agregar várias tecnologias de comunicação e lazer, proporcionando uma manutenção da “vida virtual” no ciberespaço, logo se trata de um dispositivo muito mais poderoso, pois leva a hiper individualização da pessoa, desta forma faz parte do acontecer

ordinário e cotidiano da vida das pessoas, que naturalizam sua posse e utilização elevando-o ao status de necessidade básica (COUTINHO, 2014; TURKLE, 2011).

5. A sociedade e seu envolvimento com crescimento das tic's

Nesta seção tentamos compreender o fascínio exercido pelo atual desenvolvimento tecnológico, aqui simbolizado pela rede mundial de dispositivos e seu agenciamento sobre a vida cotidiana que produz transformações sociais e culturais. Para isso retomaremos a questão levantada na seção 3, “como devemos interpretar experiências que acontecem via dispositivos tecnológicos?”.

Para exemplificar o que estamos problematizando, imaginemos que duas pessoas estejam viajando por uma estrada quando avistam uma linda paisagem com um lago e resolvem parar e ir conhecer o lugar e que chagando, ao invés de aproveitarem o lago com um banho ou simplesmente refrescando o rosto com a água, resolvem pegar os celulares para registrar o momento com fotos e vídeos. A questão aqui é perguntarmos se as pessoas do exemplo experienciaram a paisagem com o lago?

Podemos responder à pergunta acima dizendo que sim houve uma experiência, bom então devemos nos perguntar de que modo foi esta experiência? Vejam este é o ponto que nesta seção queremos levantar, o modo pelo qual estamos experienciando as coisas nos dias atuais, que pelo exemplo, podemos perceber que experienciamos o uso do celular, mesmo estando em frente à paisagem e do lago é um experienciar mediado que nos subtrai o experienciar das coisas nelas mesmas e destes momentos refletir sobre elas e sua natureza, essência, sobre seu ser.

É preciso ter em mente que existe um mar separando a evolução tecnológica e o debate coletivo fruto desta evolução, neste ponto encontramos apoio em Lévy (2004), onde afirma que nunca presenciamos de maneira tão latente e tensa a “transformação do mundo humano por ele mesmo” – transformações na maneira do indivíduo ser sobre a terra. Estamos diante de novos processos de subjetivação pelo fato de termos mudado nossos modos de fazer, quer seja, ler, escutar música, estudar, comunicar, escrever.

Podemos atribuir a Cibercultura e seu processo de apropriação tecnológica pela sociedade tais transformações do modo de fazer, pois ao percebemos que podíamos ir além dos limites ditados

pela corporalidade, automaticamente rompemos com os limites culturais é o que Lévy (2004) chamou de “a travessia das fronteiras é a nova pulsação da Terra”.

Este alargamento de fronteiras não é no campo físico e sim no virtual, pois se trata de uma atualização deste conceito trazido pelo ciberespaço - o espaço virtual – onde milhões de pessoas interagem com as possibilidades sempre crescentes deste novo espaço que também desconhece os limites culturais forçando a organização rumo a interação dialógica e o exercício da racionalidade comunicativa. Como assegura Lévy (2004): “Todos têm espaço na rede sem com isso retirar o espaço do outro, todos são autores com igual direito de expressão na rede, na qual só há um texto, o texto humano.”.

Nesta direção encontramos sustentação em Castells (2003) quando afirma que a rede mundial tornou-se a alavanca na transição para uma nova forma de sociedade – a sociedade de rede – e com ela para uma nova economia. Podemos então dizer que esta nova forma de sociedade já carrega no seu cotidiano novas formas de interação social e de difusão da cultura que se valem dos dispositivos tecnológicos disponíveis com acesso à internet, talvez isso explique essa ebulição do estar presente no campo virtual que facilita os processos comunicacionais.

O envolvimento da sociedade com as TIC de maneira cotidiana nos faz lembrar que o cotidiano para Heidegger é a forma de nos relacionamos com as coisas e com os outros que nos vêm ao encontro no mundo de nossas ocupações.

É um relacionamento baseado em uma pré-compreensão que temos das coisas ou do que elas sejam é como se estivéssemos com tantos afazeres que raramente paramos para perguntar acerca do ser das coisas que nos relacionamos e que estão ao nosso redor. Aplicando o que Heidegger pensa sobre o cotidiano neste contexto de grande penetração da tecnologia na vida cotidiana podemos então dizer que acabamos por não perceber a totalidade dos efeitos da tecnologia, pois sempre estamos lidando com a pré-compreensão desta.

Este conceito de cotidiano de Heidegger é importante para explicar o envolvimento da sociedade com tecnologia, pois a nosso modo de ver, muitos não conseguem perceber os efeitos destes tempos de conexão total que nominaremos por conexão 24x7 uma vez que tudo ao nosso redor já está conectado ou ficará, não nos é permitindo mais a grosso modo desconectar.

Na chamada conexão 24x7, a cibercultura ganha ainda mais força, pois por meio da infraestrutura tecnológica que mantém o ciberespaço se apresenta como uma recriação da vida

social, que proporciona novas formas de compartilhar, usufruir, de se fazer presente sob holofotes da performance que carregam efeitos subjetivos e contraditórios.

A internet nos invade com encantamentos, benefícios e ameaças e neste ponto ousamos em dizer que o apagamento das fronteiras gera perda de identidade. Ao mesmo tempo em que nos torna cômoda a vida, nos torna distante do mundo ao nosso redor, deixamos de tomar conhecimento da “realidade” à nossa volta e ficamos enfiados em nossas telas cada vez maiores e que deixaram de ser planas, para ganhar um toque de concavidade como se quisesse nos abraçar ou aumentar o envolvimento.

Precisamos tornar cristalino que quando falamos, a rede recria a vida social por meio da cibercultura, estamos pautados no que disse Lévy (2004), o virtual existe em potência, portanto não é um conceito oposto ao real, entretanto é oposto ao conceito de atual, desta forma entendemos que os espaços da web são análogos aos ditos “reais”.

Há de se lembrar ainda, que o virtual, como concebe Pierre Levy, é a releitura, a atualização de algo que existe concretamente. Logo, o ciberespaço é a virtualização, a atualização em um lugar, de dados registrados em outro lugar, interconectados por redes, e que, por suas características técnicas de programação, permite a mediação da comunicação entre seres humanos, e com a própria cultura por eles produzida.

Neste sentido o ciberespaço é um espaço abstrato, que se constrói sobre um suporte físico, produto da nossa cultura. Lemos (2002) nos diz que o ciberespaço “não é desconectado da realidade, mas um complexificador do real”, o que Lemos quer dizer é que este novo espaço, disponibiliza uma ampliação no campo do coletivo da capacidade de comunicação e este fato é que vem tornando possível a interação, os relacionamentos, as amizades e a formação de laços comunitários entre estranhos; o incremento gerado pelo uso da Internet na participação cívica e no engajamento político de seus usuários é o chamado fenômeno da simultaneidade que surge em meio a este cenário que reordena a noção de espaço/tempo e que fornece a possibilidade de fazer várias coisas em momentos e lugares diversos. É válido ressaltar, que diante do crescente processo de inovação tecnológica, as pessoas tendem a adaptar-se a elas em todas as dimensões de sua vida.

É inegável que as redes digitais são pautadas na velocidade e este é um dos seus principais encantamentos, pois não se pode pensar em bate-papo virtual, jogos on-line, assistir filmes,

videoconferências sem este importante fator – a velocidade –, logo a utilização da rede é múltipla, mais, precisamos saber utilizar essa tecnologia de maneira consciente e crítica.

As possibilidades de participação política, o estabelecimento de novas relações sociais e a expansão da arte, literatura e música alternativas. Ela pode ajudar o sujeito a descobrir a multiplicidade de conhecimentos, a relativizá-los e escolher aqueles que lhe despertam o interesse, assumindo uma posição mais ativa e investigativa. (Lima, 2002).

Tal consciência crítica se faz importante, pois em tempos de cibercultura onde o senso crítico é precário, muitos são levados a crer que só existem benesses, mais nem tudo é como se mostra, o próprio Levy (2004), reconhece que na órbita das redes digitais também crescem os níveis de isolamento, dependência, dominação, exploração e o que chama de “bobagem coletiva” que seria o acúmulo de dados sem qualquer informação. Dessa maneira, temos a internet como verdadeiro *pharmakon*, palavra grega que quer dizer ao mesmo tempo veneno e remédio.

Outro ponto passível de olhar crítico é o aspecto econômico da rede, que embora não seja o foco central da abordagem de Lévy, também é apresentado pelo autor na medida em que aponta o saber como infraestrutura de atuação das “redes de inovação”, capitaneada pelas empresas e indústrias. Também o capitalismo é apresentado como o sistema produtivo que absorveu a lógica da rede, que o autor desenvolve com a concepção de inteligência coletiva, algo que para Lévy (2004) é impossibilitado de suceder nas economias planificadas.

Aplicando o que Lévy (2004) falou sobre o aspecto econômico da rede, podemos perceber que a virtualização esconde novas relações de dominação, ainda obscurecidas nos escombros da sociedade que se desintegra para dar lugar à nova sociedade, manifestando-se mascarada no mito da liberdade total da cibercultura, e na anarquia do ciberespaço.

6. Uma visão fenomenológica hermenêutica das ciber-relações.

O comportamento social frente aos usos da tecnologia no cotidiano é uma questão que merece atenção por parte daqueles que estudam os modos de reprodução da sociedade. Como já foi mencionado, ao longo do tempo, as revoluções constantes da tecnologia da informação aprimoraram as formas de comunicação. Atualmente, os campos de interação oferecidos pela Internet não só fornecem e recebem informações, como promovem contatos entre pessoas que buscam vínculos emocionais – desde simples relações de amizade à formação de grupos

reunidos em torno de ideias e atividades em comum – das mais prosaicas às mais excêntricas, passando por temas como namoro, sexo, religião, política e cultura.

Como já mencionado em outras partes deste trabalho, estamos vivendo um período de miopia sobre o que realmente esta por trás deste acolhimento quase que simbiótico entre a sociedade e a tecnologia, deste relacionamento surge novas configurações de hábitos e modo ser, porém é importante ressaltar que a cibercultura se origina também na cibernética e esta tem como princípios o controle, organização e transmissão da informação por meio da tecnologia, a ideia de ciberespaço provém dessa grande rede de comunicação.

Temos que perceber que a palavra controle não aparece para criar regras apenas para os dados digitais e seus fluxos, ela também está ali para moldar a forma como os utilizadores de seus dispositivos irão desenvolver seu relacionamento com o digital.

Este novo espaço de vivência segundo Castells (2002) tem grande relação com a estrutura econômica, logo esta relação da cibercultura com a estrutura econômica é quem guia os imaginários e símbolos, neste contexto em que vivemos, pois a identidade se configuraria através do consumo. Este comportamento de acordo com Jenkins (2006) se atrela ao estilo de vida contemporâneo que se pauta na necessidade, o problema é que com as modificações e transformações de produtos disponíveis no mercado esta relação, humano-dispositivo também se modifica sendo uma das facetas que atrelam a tecnologia ao capitalismo mercadológico, pois este passa a demandar novos formatos como algo essencial para a vida dos indivíduos.

A sociedade contemporânea tem assimilado esta necessidade e cada vez mais vem adotando estes novos meios de comunicação e formas para executar suas tarefas. Como defendido por Lemos (2013), nesse sentido estes novos meios comunicacionais tecnológicos se apresentam como “tecnologias intelectuais”, pois as usamos para multiplicar nosso poder mental, já vimos isso acontecer com a chegada do relógio, do livro, etc.

Hoje estas mesmas tecnologias estão presente, porém atualizadas para caber em nossos celulares conectados a grande rede, o que faz com que nossas habilidades cognitivas, ou seja, nossa capacidade de encontrar, classificar e interpretar informações, formular e articular ideias, fazer medidas e realizar cálculos, sejam modificadas em função destas tecnologias que nos são apresentadas em ritmo frenético para ocupar nossos sentidos e direcionar a nossa atenção.

Isto nos faz lembrar os dispositivos de poder de Foucault (2007), que estão inseridos na dinâmica social (disciplina e biopolítica), aqui nos interessa especialmente o primeiro que é classificado como dispositivos disciplinares, para este Foucault dizia que tinham por objeto os indivíduos, no sentido de adestrá-los ou docilizá-los, realizando uma apropriação exaustiva dos corpos, dos gestos, do tempo e do comportamento. Neste ponto percebemos que somos incentivados a estar hiperconectados gerando hipercomunicações, isto se reflete em uma exposição demasiada que nos torna visíveis e conhecidos.

Este processo de exposição é tudo que empresas como google, facebook, twitter e outras querem para se apoderarem de nossos dados e começar um mapeamento de nossas preferências, pensamentos, relacionamentos e tudo que se possa capturar com a finalidade de nos classificar, rotular e medir com vistas a nos converter em produtos.

7. Considerações finais.

Este trabalho se empenhou de fazer uma aproximação entre o que se entende por cibercultura e o conceito de habitar e espaço de Heidegger. Objetivo este que entendemos ter sido contemplado uma vez que durante o trabalho foi apresentado uma discussão entre técnica e tecnologia sob a ótica de vários autores apontando para suas diferenças e aproximações.

Realizar este resgate sobre conceitos de técnica e tecnologia nos proporcionou trilhar um percurso que nos aproximasse do entendimento de como as novas configurações contemporâneas de ser, experiência seu movimento de habitar frente à realidade tecnológica que estamos vivendo.

O espaço que antes fora estudado por Heidegger (2005) provocava um pensamento sobre o sentido geográfico da espacialidade, na analítica existencial culminada do Dasein. Partindo do ponto de que o ser humano experiência sua geograficidade através de relações com lugares, espaços e paisagens, agradáveis ou não, pudemos levantar durante este trabalho perguntas sobre o experienciar da sociedade contemporânea, uma vez que esta, atualmente se mostra agenciada por artefatos tecnológicos.

Destas reflexões pudemos compreender que o sistema de comunicação entre os seres na sociedade contemporânea tem se manifestado por meio de diversas experiências e técnicas resultantes da inventividade humana. Na sociedade hodierna o mais avançado meio de

comunicação é a Internet, que por meio das novas tecnologias de informação e comunicação coloca os seres em condições de permanente estado de interconexão mundial, socializando os mais diversos tipos de informação e interesses, tornando os humanos beneficiários e reféns da tecnologia digital. “a cultura que se cria em torno da web é fascinante e, ao mesmo tempo miserável. Fascinante porque nos envolve em seus tentáculos, mas nos torna servos desse novo grande senhor dos tempos eletrônicos”. (MARCONDES FILHO, 2012, p. 9).

O trabalho aponta que esta aproximação do humano com a tecnologia nos dias atuais encontra amparo no que Heidegger conceitua como cotidiano, que de maneira geral tem a ver com o nosso permanente estado de se relacionar com as coisas e os outros que nos vem ao encontro e dentre estas coisas está a tecnologia.

Logo, percebemos que o virtual também é espaço no sentido de habitar conforme conceitua Heidegger, pois nele existe vida que se apresenta por meio das interações agenciadas por tecnologias mais que se fazem presente no cotidiano. Tais tecnologias vêm se tornando tão presente na vida e no cotidiano das pessoas, que as mesmas não percebem o vínculo de dependência com a tecnologia e não percebem que sua privacidade pode ser facilmente invadida.

Em nosso entender é atuando no cotidiano que a tecnologia se apresenta como libertação, atualização e emancipação das atividades humanas, mas esta relação se tornou simbiótica e culminou por aprisionar o indivíduo de maneira que este parece não ter forças para escapar. Nossas considerações finais são as de quê para que o ser não seja esquecido, precisamos habitar poeticamente, e desta maneira voltaremos a nos sentir, ou de fato nos sentiremos ligados à terra.

Por fim, este trabalho deixa a reflexão de que o ser humano precisa voltar a ter experiências não mediadas por celulares ou quais outros dispositivos tecnológicos, pois é na terra que a experiência do homem se faz presente.

Referências

- BARATA, R. C. B. **Epidemiologia social**. Rev. bras. epidemiol. vol. 8, n. 1, p. 7-17, 2005.
- BORGMANN, Albert. **Focal things and practices**. In: SCHARFF, R. C.; DUSEK, Val. **Philosophy of Technology: the technological condition: an ontology**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.
- BUNGE, M. **Ciencia, técnica y desarrollo**. Buenos Aires: Sudamericana, 2ª Ed. 2016.
- BUTTIMER, Anne. **Values in geography**. Washington: AAG, 1974.
- CASANOVA, Marco Antonio. **Heidegger e o escuro do existir: esboços para uma interpretação dos transtornos existenciais**. In: EVANGELISTA, Paulo Eduardo R. **A. Psicologia fenomenológico-existencial – Possibilidades da atitude clínica fenomenológica**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- COUTINHO, Gustavo Leuzinger. **Smartphones: Um estudo Exploratório sobre o uso dos smartphones no Brasil**. Monografia – Curso Faculdade Universidade de Brasília, 2014. Disponível http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9405/1/2014_GustavoLeuzingerCoutinho.pdf. Acesso em 17 de ago de 2019.
- CUPANI, A. **Filosofia da tecnologia: um convite**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ELLUL, J. **The technological society**. New York: Vintage Books, 1964.
- FEENBERG, A. **O que é filosofia da tecnologia?** Conferência, University of Komaba/Japão, jun. 2003. Tradução de Agustín Apaza, Disponível em: < https://www.sfu.ca/~andrewf/Feenberg_OQueEFilosofiaDaTecnologia.pdf >. Acesso em: 08 ago. 2019.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo, 4º Ed. Editora Aleph, 2008.
- GÓMEZ, Edgar. **Las metáforas de internet**. Barcelona: Editorial UOC, 2007.
- JENKINS, Henry. **Convergence culture: where old and new media collide**. New York: New York University, 2006.
- HARVEY, David. **A Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser E Tempo – Parte I**. Tradução de Marcia Sá C. Schuback - 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 325p.
- HEIDEGGER, M. **A questão da técnica**. Scientiae Studia, v. 5, n. 3, p. 375-98, [1959] Trad. Marco Aurélio. S.P. 2007. In: http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05_03_05.pdf. Acesso em 11 de ag. 2019.

LEMOS, A. **A Comunicação das Coisas. Teoria Ator-Rede e Cibercultura.** SP, Annablume, 2013.

LIMA, Solange T. **Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofília e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental.** Geosul, Florianópolis, v.17, n. 33, p. 117-141, 2002.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: 2004.

MACHADO, Luiz Alberto. **Revoluções industriais: Do vapor à Internet das coisas. (2016).** Disponível em: <http://www.portalcafebrasil.com.br/iscas-intelectuais/revolucoesindustriais/>. Acesso em: 04 de Ago de 2019.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1969.

MIÈGE, Bernard. **A sociedade tecida pela comunicação: Técnicas da Informação e da Comunicação entre inovação e enraizamento social.** São Paulo: Paulus, 2009.

MIRANDA, A. L. **Da natureza da tecnologia: uma análise filosófica sobre as dimensões ontológica, epistemológica e axiológica da tecnologia moderna.** 2002 pp. 161 (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFET-PR)

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditación de la técnica: y otros ensayos.** 7. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1977.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RELPH, Edward. As **bases fenomenológicas da Geografia.** Geografia, Rio Claro, v.4, n.7, p.1 abr. 1979.

SCHWAB, Klaus; DAVIS, Nicholas. **Aplicando a Quarta Revolução Industrial.** Tradução de Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2018.

TURKLE, Sherry. **Alone together.** Nova York, Basic Books, 2011. 384p.